

**O**lamentável e triste episódio do massacre de Realengo, no Rio de Janeiro, neste fatídico abril de 2011, praticado por um jovem de 23 anos contra adolescentes de 13 e 14 anos de idade, veio confirmar aquilo que se tornou um clichê: estamos na era das imagens, na cultura das imagens, no mundo das imagens, em que tudo se filma, tudo se vê e quase escapa à compreensão ou à racionalidade. A entrevista que apresentamos, nesta edição da Revista Famecos faz parte do dossiê “Cinema, televisão e história: perspectivas teóricas e empíricas”, com Jacques Aumont, sobre “a civilização das imagens”, pode ajudar a compreender um pouco este universo de sedução, inovação tecnológica permanente e silêncio diante do inominável. Enquanto alguns anunciam a morte da crítica de cinema e até o fim da hegemonia da televisão, com o crescimento incessante da internet, o que se vê, com formatos e suportes diversos, é o apogeu virótico da imagem, essa imagem que fez os mitos do cinema e da democracia dos Estados Unidos da América, como se verá no texto de Eduardo Morettin, que perpassa o imaginário da propaganda política, conforme se pode constatar na leitura do artigo de Adolpho Queiroz e Rose Mara Vidal de Souza, formatando identidades nas telas e nas vidas, o que aparece na análise de Paula Regina Puhl e Cristina Ennes da Silva.

Chega um momento em que é preciso mapear, organizar e sistematizar essa produção de imagens, o que faz Cássio dos Santos Tomaim em “Os estudos de cinema no Rio Grande do Sul: trajetórias e desafios” ou Roberto Elisio dos Santos e João Batista Freitas Cardoso em “A Globo Filmes e o cinema de mercado: padronização e diversidade”. Imagem no cinema, imagem na televisão, imagem de um tempo feito quase só de imagens. É tempo de responder ou perguntar como Arlindo Machado: “Fim da televisão?” Ou de refletir como Sara Alves Feitosa e Miriam Rossini sobre os “Modos de fazer crer no audiovisual de reconstituição histórica”. Falando em cartografias, Itânia Maria Mota Gomes vai ao encontro do território com “Gênero televisivo como categoria cultural: um lugar no centro do mapa das mediações de Jesús Martín-Barbero”.

Já Lirian Sifuentes e Veneza Ronsini perguntam: “O que a telenovela ensina sobre ser mulher?” desenvolvendo reflexões acerca das representações femininas.

Tudo está em discussão, tudo volta como imagem sobre imaginários, imaginários sobre imagens, até mesmo, como no texto de Denise Azevedo Duarte Guimarães, a “Iconização do verbal e criatividade em vinhetas de abertura de telenovelas brasileiras” e, noutra perspectiva, “Entre o telejornal e a recepção: a construção do posicionamento discursivo do Jornal da Record”, uma análise de Giovandro Marcus Ferreira e Adriano de Oliveira Sampaio. Por fim, com Livia Fernandes, Iluska Coutinho e Jhonatan Mata, um mergulho pontual numa experiência ilustrativa: “TV Mariano Procópio nas páginas dos Diários Associados: contextos históricos, disputas políticas e narrativas identitárias”.

A *Revista Famecos* vira o jogo e pensa também a mídia, para além das imagens, com “Narrativas pessoais midiáticas: uma proposta para o estudo de práticas orientadas pela mídia”, de Ana Carolina Escosteguy, “Políticas do sofrimento e as narrativas midiáticas de catástrofes naturais”, de Paulo Vaz e Gaelle Rolny, “Análise indireta de enquadramentos da mídia: uma alternativa metodológica para a identificação de frames culturais”, de Ana Carolina Vimieiro e Rousiley Celi Moreira Maia, “A questão do espaço na ficção midiática”, de Marcelo Bulhões, “Visões do *lector in fabula*: teorias da interpretação, da recepção e do consumo midiático”, de Sebastião Guilherme Albano da Costa, e “Novos negócios fonográficos no Brasil e a intermediação do mercado digital de música”, de Leonardo De Marchi, Luis Alfonso Albornoz e Micael Herschmann.

Imagens para todos. Boa leitura!

*Os editores.*